



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE CIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ASSIS WENDELL CLAUDINO CAVALCANTE

**GÊNERO E SEXUALIDADE: ABORDAGEM EM SALA DE AULA PELOS
PROFESSORES DE CIÊNCIAS**

FORTALEZA

2016

ASSIS WENDELL CLAUDINO CAVALCANTE

GÊNERO E SEXUALIDADE: ABORDAGEM EM SALA DE AULA PELOS
PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Erika Freitas Mota.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências e Tecnologia

-
- C364g Cavalcante, Assis Wendell Claudino.
Gênero e sexualidade: abordagem em sala de aula pelos professores de ciências. /Assis Wendell Claudino Cavalcante. – 2016.
28 f.
- Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de Biologia, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2016.
Orientação: Profa. Dra. Erika Freitas Mota.
1. Ciências – Estudo e ensino. 2. Educação sexual. 3. Educadores - formação. I. Título.

ASSIS WENDELL CLAUDINO CAVALCANTE

GÊNERO E SEXUALIDADE: ABORDAGEM EM SALA DE AULA PELOS
PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas

Aprovada em: 16 / 02 / 2016



Prof^a. Dra. Erika Freitas Mota

Orientadora

A Deus;
A minha família;
Meus professores;
Todos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

A meus pais, Welder e Lucia, pela educação, pela confiança e por sempre acreditarem em mim.

Aos meus irmãos, Welina e Wanderson.

Aos meus professores de graduação, que foram de grande importância para meu aprendizado.

A minha orientadora, professora doutora Erika Freitas Mota, pelo suporte, pela força e pela orientação nessa pesquisa.

A todos os meus colegas de sala.

Aos amigos que fiz durante o intercâmbio na Austrália.

A toda equipe de professores, diretores e coordenadores que contribuíram para a realização desse trabalho.

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.

Albert Einstein

RESUMO

Com tantas formas de discriminação e desigualdade devido a características que são consideradas diferentes dos padrões impostos pela sociedade faz-se necessário discutir temas como gênero e sexualidade nas escolas. Essas discussões são indispensáveis para a formação de uma sociedade igualitária para que todos sejam tratados com respeito. Gênero é uma construção social, podendo ocorrer de duas formas, a identidade de gênero e a expressão de gênero. A sexualidade é como o ser humano deseja o outro. Tais assuntos precisam ser empregados no dia a dia dos alunos. Esse trabalho visa buscar informações de como professores vem trabalhando, se fazem abordagem dos assuntos de acordo com os PCNs. Para tanto, foram feitas entrevistas com professores de Ciências (Biologia, Física e Química), de uma escola pública estadual em Fortaleza- CE. No total, 10 professores da Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra participaram da entrevista, dos quais 6 são homens e 4 são mulheres. Foram questionados sobre sexo biológico, sexualidade, gênero e abordagem do tema em sala. Os professores responderam facilmente a pergunta sobre o que é o sexo biológico, mas em outras houve dúvidas, como quando tentaram definir gênero e sexualidade. Os professores de Física indicaram ter dificuldades para abordar esses temas em sala. Porém, alguns declararam que sempre falam e que é comum, principalmente nos conteúdos de Biologia. Diante das dificuldades apresentadas pelos professores em abordar o tema gênero e sexualidade em sala de aula e acreditando que essa problemática é geral, sugere-se a formação continuada e capacitação dos professores no tema educação e orientação sexual.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Professores. Escola.

ABSTRACT

With many forms of discrimination and inequality due to features that are considered different from the patterns imposed by society, it is essential to bring to class topics such as gender and sexuality. It is imperative to build a society with equal rights and all the humans are treated with respect. Gender is a social construction and it can occur in two different ways, gender identity and gender expression. Sexuality is related to how a person desires the other. Such issues must be worked out daily in the students' life. This work aims to seek information on how teachers have been working these topics, whether they talk about sexual education according to the PCNs. To this end, interviews were conducted with Science teachers (Biology, Physics and Chemistry) from a State School in Fortaleza- CE. Ten teachers from Aduvaldo Bezerra High School took part in the interview, 6 men and 4 women. They were asked about biological sex, sexuality, gender and approach to this topic in class. They easily answered the question about what is the biological sex, however, in other questions there was doubt, as when they tried to define gender and sexuality. Physics teachers reported having difficulties to address the topics in class. However, a few of them said they always discuss gender and sexuality and this is common, especially in biology content. Based on the difficulty presented by the professors to address gender and sexuality in class and believing this problem is general, it is suggested teachers' ongoing formation and professional training on sexual education.

Key words: Gender. Sexuality. Teachers. School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	OBJETIVOS.....	13
2.1	Objetivo geral	13
2.2	Objetivos específicos	13
3	METODOLOGIA.....	13
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
4.1	Caracterização dos professores.....	14
4.2	Sexo biológico e diversidade sexual	15
4.3	“Ideologia de gênero”?	16
4.4	Gênero e Sexualidade.....	17
4.5	Abordagem em sala de aula	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	23
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	27
	APÊNDICE B – ENTREVISTA	28

1 INTRODUÇÃO

O gênero é uma construção sócio-histórica (GOELLNER, 2011 & SCOTT, 1990), que pode ocorrer de duas formas, a identidade de gênero, que é como a pessoa se define; e as expressões de gênero, que são os papéis, como o indivíduo se mostra na sociedade, na maneira de vestir, falar, agir e também pensar. O gênero não significa que ao nascer o indivíduo se torna homem ou mulher, mas que eles se formam com diferentes comportamentos, poderes e até diferentes sentimentos (BARBOSA, 1989).

Scott (1990) conceitua o gênero mostrando que o corpo se transforma em motivo de investigação histórica e sociológica e que seu significado pode ser diferente de acordo com cada contexto. O autor ainda fala que o uso do termo gênero representa um processo que procura explicar os atributos específicos que cada cultura impõe ao masculino ou feminino, considerando a construção social organizada hierarquicamente como uma relação de poder entre os sexos.

Para Louro (1997):

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos — étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc.

Já a sexualidade é como a pessoa deseja a outra, refere-se ao dado sexual, está relacionada à atração que leva a sua expressão (ou não) por meio de determinadas práticas (MUSSKOPF, 2008). Ela envolve o desenvolvimento geral do indivíduo, tanto em nível afetivo-emocional-intelectual, quanto nos âmbitos físico e sexual propriamente dito (SOUSA *et al.*, 2015).

A sexualidade diz respeito à forma como cada pessoa vivencia o sexo, indo mais adiante da imposição naturalista, como alega Foucault (1987):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande

rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.

Um assunto de tamanha complexidade precisa ser empregado no cotidiano dos alunos, no sentido de trazer uma educação sexual que colabore para o desenvolvimento da sexualidade em toda sua abrangência (SOUSA et al, 2015).

A abordagem de tais assuntos na escola é de fato muito importante para a construção de uma sociedade baseada na igualdade e na desvalorização das separações entre os gêneros, na redução dos preconceitos, do sexismo, da homofobia, da lesbofobia, da transfobia, da bifobia, bem como de todas as outras manifestações de violências de gênero (UFPR).

A escola é um espaço de aprendizado, e ela surge como uma instituição para a construção do indivíduo (SILVA, 2014), da mesma forma aparece para a evolução da sociedade e da humanidade. Ela se apresenta como um espaço existente e primordial para contribuir com a educação sexual dos seus alunos junto à educação sexual informal, que é aquela que ocorre sem intencionalidade, e que sendo assim, sempre existiu. Todos os povos possuem regras de conduta sexual. Este tipo de educação normalmente é o que ocorre nas famílias (WEREBE, 1998). Em sua função social, caracteriza-se como um ambiente democrático que deve dar abertura a discussões de questões sociais e viabilizar o progresso do pensamento crítico (BRASIL, 1998). Assim, a escola tem uma missão de desmitificação das diferenças, ao invés dos atos de desigualdades como Louro (1997) afirma que:

A instituição escolar exerceu uma ação distintiva desde o seu início. Ela se incumbiu de separar os sujeitos. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

Ainda para Louro (1997):

...a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.

Com o aumento do número de adolescentes grávidas e do surgimento da AIDS, na década de 80, as escolas religiosas começaram a se importar com conteúdos da sexualidade (BRAGA, 2008). Em 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e os Temas Transversais foram incluídos (Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual), com o objetivo de serem incorporados nas disciplinas já existentes e no trabalho educativo da escola (BRASIL, 1998). Dessa forma, percebe-se que o assunto ganha destaque dentro das instituições de ensino.

Um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais visa que os alunos sejam capazes de respeitar e valorizar diferenças presente na sociedade, além de combater qualquer tipo de preconceito e discriminação, como é destacado nos PCNs:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998).

A orientação sexual como tema transversal vem contextualizar discussões sociais e culturais dentro das relações de gênero, gravidez na adolescência, abuso sexual, prostituição infantil e doenças sexualmente transmissíveis, para que haja transformação de comportamentos e valores dentro da sociedade (NUNES, 2012).

Diante do exposto, questiona-se o porquê de abordar gênero e sexualidade na escola. Muitas pessoas ao redor do mundo experimentam formas de discriminação e desigualdade, como resultado de características físicas ou

sociais, ou identidades que são consideradas diferentes dos padrões sociais dominantes. Muitas vezes, esse preconceito está relacionado com o gênero de uma pessoa, raça, etnia e/ou sexualidade. Questões relacionadas a gênero e sexualidade nas escolas podem gerar muita controvérsia com professores e alunos nas instituições de ensino e por motivos como esse, o presente trabalho tem como propósito levantar discussões a respeito do conhecimento e da abordagem dos professores de ciências sobre educação sexual, focando nos temas de gênero e sexualidade. Além do mais, esses temas estão cada vez mais comuns no cotidiano das pessoas, uma prova disso é a repercussão na mídia, como em telenovelas, nos filmes, nos noticiários e nas redes sociais.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar o entendimento dos professores de ciências de uma escola pública em relação a gênero e sexualidade.

2.2 Objetivos específicos

- Investigar o conhecimento dos professores de ciências sobre os temas de educação sexual.
- Verificar se os professores de ciências abordam os temas de educação sexual em sala de aula.
- Averiguar como os educadores discutem os conteúdos de orientação sexual com seus alunos durante as aulas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através de entrevistas com professores de Ciências da Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra, uma escola da rede pública de Fortaleza, Ceará. A escola foi escolhida, pois já havia sido local de estágio

supervisionado do autor do trabalho e permitiu a realização das entrevistas com os professores de Ciências.

As entrevistas foram feitas durante os meses de Novembro e Dezembro de 2015. As mesmas ocorriam no intervalo entre as aulas ou ao término das aulas no turno da manhã.

Foi realizada uma entrevista piloto com um professor de Ciências Biológicas, o qual, durante sua formação acadêmica, participou de grupos de estudos sobre educação sexual, além de participações em congressos e publicação de trabalhos, e também de trabalhar com gênero e sexualidade nas escolas quem o mesmo leciona. Dessa forma as sugestões do mesmo para o ajuste e direcionamento da entrevista tiveram grande importância para o êxito das entrevistas.

Ao início de cada entrevista, foi lido para os professores participantes o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A).

Em seguida, as entrevistas foram transcritas e discutidas de acordo com outros estudos.

No total foram feitas 10 entrevistas com professores de Ciências, com formação em Biologia, Física ou Química.

É importante salientar que para padronização das entrevistas, utilizou-se um questionário composto por 7 perguntas abertas sobre gênero e sexualidade (APÊNDICE B).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Caracterização dos professores

A pesquisa contou com a participação de 10 professores de Ciências, 6 homens e 4 mulheres, dos quais são 3 de Biologia, 3 de Física e 4 de Química (TABELA 1).

Os entrevistados receberam letras para identificação nesse trabalho: professor A, professor B, professor C, professor D, professor E, professor F, professor G, professor H, professor I e professor J.

Tabela 1 – Quantidade de professores dos gêneros masculino e feminino por disciplina.

Disciplina	Masculino	Feminino
Biologia	2	1
Física	3	-
Química	1	3
Total	6	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2 Sexo biológico e diversidade sexual

Quando foi perguntado para os professores o que é o sexo biológico, todos responderam seguindo uma mesma linha de raciocínio, simplificada, as respostas associaram o sexo biológico ao “é o sexo que a pessoa nasceu”, ou “é macho e fêmea”, ou “é o natural”.

Esses achados corroboram com Nunes e Silva (2000) que dizem que o sexo pode ser compreendido como “marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal”. Nesse sentido, o sexo de uma pessoa é determinado pelas suas células reprodutivas, espermatozoides - macho, óvulos - fêmea (JESUS, 2012).

O sexo se refere a características biológicas de uma pessoa, como o pênis, a vagina, os seios, dentre outros. A biologia explica o sexo como as diferenças anatômicas e fisiológicas que definem o corpo masculino e o corpo feminino (SOUZA *et al.*, 2015).

O sexo biológico é constituído pelas características fenotípicas (órgãos genitais externos, órgãos reprodutores internos, mamas, barba) e genotípicas (genes masculinos e genes femininos) presentes em nosso corpo. À semelhança das plantas e animais, pela combinação dos cromossomos X e Y, existem somente dois sexos: XY produz um ser chamado de macho e XX, um ser chamado de fêmea. É importante ressaltar, no entanto, que mesmo a natureza não funciona com uma separação rígida, pois há pessoas que nascem com dois órgãos genitais,

conhecidos como intersexuais ou hermafroditas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010).

A diversidade sexual está relacionada com a orientação sexual, que tem relação com o comportamento. Porém, ao responderem o que é a diversidade sexual, as respostas foram diferentes. As respostas variaram de simples e não muito fundamentadas como “é a opção que você faz”. Uma resposta bem complexa foi do professor A transcrita como as definições abaixo, o mesmo destacou a diferença entre sexo biológico e diversidade sexual:

“...Eu costumo falar pros meus alunos a diferença entre macho e fêmea biológico e dizer as características mas não atrelar isso ao genital. E diversidade sexual é completamente diferente, tem uma ligação com comportamento, com performance sexual, tá bem além, são duas coisas completamente distintas. A construção do sexo biológico tem mais uma ideia pra reprodução e simplesmente esse processo e a diversidade sexual tá ligado com comportamento sexual, com expressão que tem ligação também com os outros animais além da nossa espécie.”

O professor B destacou que a diversidade sexual tem relações socioculturais:

“...baseado na diversidade sexual, você tem que ter um embasamento tanto cultural, quanto social, quanto de também entendimento do ser humano como, não só de um reprodutor genético, mas o ser humano como um todo. No ser humano, a diversidade sexual não vai precisar dessa definição de masculino e feminino.”

4.3 “Ideologia de gênero”?

Os professores responderam à pergunta “você já ouviu falar sobre ideologia de gênero?”, e a maioria das respostas foi negativa, como disse o professor J: “não, a primeira vez que eu escuto esse termo”, assim como o professor G: “não, nunca ouvi falar da ideologia de gênero”. Na verdade, essa questão é uma “pegadinha”, pois o termo “ideologia de gênero” foi criado por fundamentalistas os quais afirmam que “ninguém nasce homem ou mulher, mas que cada indivíduo deve construir sua própria identidade” (LIMA, 2015), quando, na verdade a “ideologia de gênero” não existe. As diferenças estão presentes na sociedade, gays, lésbicas, transexuais, travestis existem, são fato, e não uma ideologia.

“Nem existe isso, né! Gênero é uma questão a ser estudada no cunho social e acho que essa palavra das vezes que eu já ouvi falar foram de pessoas fundamentalistas religiosas que utilizavam isso pra criticar acreditando que a gente estava pregando uma ideologia pra o povo virar transexual, com essa exata palavra (PROFESSOR A).”

4.4 Gênero e Sexualidade

As respostas dos professores em relação a gênero e sexualidade foram variadas e algumas vezes confusas:

“Gênero pra mim é uma palavra meio complicada e que tá muito em discussão nesses dias que tem a ver com a diversidade. Gênero que a gente aprende em português, na biologia é o masculino e o feminino, mas como a gente vai tendo experiência com pessoas que têm opções diferentes, a gente ver também que gênero é uma coisa idealizada, interna também, eu acho que é isso, um conceito que você mesmo se dá, não é algo que você tem que ligar a um termo biológico. (PROFESSOR C)”

O gênero é uma construção social e histórica que é “produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997). O trecho da entrevista abaixo tem relação com essa definição da autora citada:

“Gênero é uma construção social, você constrói o gênero, a sociedade constrói o gênero sobre as pessoas e esse gênero fica na nossa sociedade distribuído entre homem e mulher, mas gênero é uma construção. Ele pode ter ligação biológica, mas são coisas distintas. (PROFESSOR A)”

Para Louro (1997), é na sociedade que as relações de desigualdade entre homem e mulher são construídas. Os porquês dessa desigualdade “precisariam ser buscados nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação...”

Louro afirma que é importante tentar diferenciar gênero de sexualidade, ou identidades de gênero de identidades sexuais. A autora também diz que essa distinção é confusa e que existe uma relação entre esses termos, além de declarar que não existe um momento exato de estabelecimento das identidades de gênero e/ou sexuais:

[...] é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais,

bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento (LOURO, 1997).

De acordo com um dos professores participante da entrevista, a sexualidade é algo natural e que difere de gênero, além de ser variada:

“...trabalho a questão da sexualidade como uma expressão natural do indivíduo e é uma expressão diversa, a expressão da sexualidade, e deixo bem claro pros meus alunos que é uma expressão diferente de gênero. A pessoa pode ter uma referência de um determinado gênero, mas ter uma expressão sexual completamente não usual, mas é uma expressão diversa, a expressão da sexualidade. Sexualidade é a expressão do indivíduo quanto ao seu desejo sexual, e esse desejo pode ser completamente diverso. (PROFESSOR A)”

A sexualidade é uma característica central do ser humano que está profundamente individualizada e que inclui sentimentos sexuais, pensamentos, atrações e comportamento (UWA). Foucault (1997) defende que a sexualidade vai além do natural, sendo também uma definição cultural, histórica. Para muitos ainda é confuso entender o que é a sexualidade, como mostrado no trecho da entrevista com o professor D :

“A questão da sexualidade que eu entendo, pra mim ainda é confuso, com relação a essa questão também do gênero, não consigo distinguir até certo ponto a diferença da questão da preferência sexual, da identidade que o ser humano tem, no caso homem ou mulher, de como eles se definem em relação a sua preferência, não consigo distinguir essa questão.” (Professor D)

4.5 Abordagem em sala de aula

A educação sexual está incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema transversal, que teve uma atenção oficial com a publicação e divulgação em 1997 (LEÃO *et al*, 2010). “A proposta [...] para orientação sexual, de acordo com os PCNs, é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas” (BRASIL, 1998, p. 67). Os Parâmetros trazem com o tema de Sexualidade e Orientação Sexual, porém,

“ao longo de uma década não houve incentivo nem iniciativas oficiais para oferecer aos professores cursos que pudessem formá-los nesse

campo dominado pelo desconhecimento, pelo preconceito, tabu e discriminação” (FURLAN E FURLAN, 2011, p. 313).

Assim, muitos professores não abordam os temas de gênero e sexualidade em sala de aula, como foi relatado nas entrevistas: “Na minha aula não, mas aqui na escola recentemente nós tivemos no núcleo de ciências humanas seminário a respeito de gênero e sexualidade (PROFESSOR E)”. E também, como outro professor disse, “Difícilmente a gente como professor de Física consegue trazer o tema pra discussão, quando ele aparece é numa condição improvisada. A gente não traz o tema como é abordado no currículo.” “Na física a gente tem aquela preocupação com os números. Eu acho que os professores deveriam passar por um curso de reciclagem com esses temas (PROFESSOR F)”.

“Com relação a esses temas eu confesso que não abordo em sala de aula por conta da matéria específica de química ser voltada mais aos conteúdos do ENEM, mas a gente tem dentro da grade curricular uma disciplina de formação cidadã. Especificamente gênero eu ainda não trabalhei, mas questão da sexualidade, as primeiras experiências dos jovens, prevenção, isso aí já foi abordado (PROFESSOR G).”

Com isso, percebe-se que muitos educadores estão despreparados ou não se sentem a vontade para atuar como orientadores sexuais corroborando com Leão *et al.* (2010). Ainda se pode chamar atenção para o que diz Gavídia:

[...] existem professores que afirmam que sua tarefa exclusiva na escola consiste em ensinar certos conteúdos conceituais e não têm por que se preocupar se seus alunos escovam bem ou mal os dentes [...] essa situação de desprezo às matérias transversais, às vezes torna patente um defeito no trabalho profissional dos professores (GAVÍDIA, 2000).

Vale ressaltar mais uma vez que a sexualidade é um tema transversal, ou seja, está relacionado à transversalidade que é caracterizada por percorrer todas as disciplinas (NUNES E SILVA, 2000). Para esses mesmos autores:

...a transversalidade abre, assim, a potencialidade de impregnar interdisciplinarmente os conteúdos clássicos e tradicionais com propostas e atualizações analíticas e interpretativas desafiadoras, postas pela realidade histórica e cultural atual. [...] A atitude de combinar a formação clássica escolar com temas contemporâneos proporcionaria um equilíbrio de formação para os educandos...

Dessa forma, o propósito dos temas transversais é “[...] fazer com que os programas de estudos tenham como princípios fundamentais a contemplação dos macros objetivos sociais da cidadania” (NUNES E SILVA, 2000).

Sendo assim, é de grande importância que os conteúdos de gênero e sexualidade sejam abordados nessa linha de transversalidade. É o que constatamos numa das entrevistas com um professor de Biologia, quando foi perguntado como são lecionados os temas transversais de educação sexual:

“Eu, realmente, trabalho com transversalidade, porque eu pego esses temas e consigo aplicar nos conteúdos do dia a dia da sala, nos conteúdos didáticos. Eu faço na perspectiva de conseguir abordar em vários conteúdos porque eu consigo fazer essa ligação, mas tem temas que ficam mais claros, como sexualidade sendo trabalhada em sistema reprodutor (PROFESSOR A).”

Independentemente da disciplina ensinada, os docentes exercem de forma consciente ou não, uma responsabilidade na construção da educação sexual dos seus alunos (WEREBE, 1998).

Uma das grandes dificuldades para implantação de projetos que envolvam a orientação sexual nos espaços escolares é a falta de preparo dos educadores (MAIA, 2004; NUNES E SILVA, 2000; OLIVEIRA, 2000; REIS E RIBEIRO, 2002; SANTOS E BRUNS, 2000; FIGUEIRÓ, 2006). Abaixo um trecho da entrevista com um dos professores. O mesmo assume que existe dificuldade para abordar os temas de gênero e sexualidade nas suas aulas:

“Isso é uma das dificuldades, porque especialmente na área da Física, a gente tem a ideia que é uma coisa muito abstrata, a gente tá descrevendo um fenômeno, então eu acho que deveriam ser feitos mais estudos de como a gente aplicar o que é requerido nos PCNs, que é usar isso em todas as disciplinas, você integrar, porque realmente é um ponto difícil. A gente vai falar de eletricidade, cargas elétricas, como abordar isso? Eu sinto vontade de participar de um debate sobre isso, mas eu não sei como aplicar ainda (PROFESSOR H).”

Enquanto o professor A respondeu que discute com facilidade sobre os temas:

“...eu sempre abordo. Eu sempre acho motivo pra abordar... Mas a época do ano que eu trabalho mais claramente é quando eu trabalho fisiologia humana e sistema reprodutor e eu vou além do pênis e da vagina, da anatomia, eu vou trabalhar gênero, sexualidade, toda a construção, até tirar dúvidas banais que os meninos tem sobre sexo (PROFESSOR A).”

A formação inicial do professor, nem sempre é suficiente para assegurar seu crescimento profissional, individual e coletivo (GIOVANI, 1998). Como um dos professores que participou da entrevista disse que deveriam “ter cursos sobre esse assunto”. É necessário que seja proporcionado para o educador curso de formação continuada (LEÃO *et al*, 2010).

[...] se a formação continuada for desenvolvida tendo como centro a sexualidade, poderá haver significativo progresso no relacionamento professor-aluno e no processo ensino-aprendizagem como um todo. Ainda, especificamente, poderá haver significativo progresso no trabalho do professor, pois refletir sobre questões ligadas à sexualidade e à Educação Sexual contribui, sobremaneira, para repensar o papel do professor. Pode dar-lhe aprimoramento em sua capacidade de ser empático com os alunos e nas habilidades necessárias para trabalhar valores, atitudes e sentimentos (FIGUEIRÓ, 2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, pôde-se observar o conhecimento dos professores de Ciências em relação à definição de termos como sexo biológico, orientação sexual, gênero e sexualidade. Além de perceber por meio de suas respostas se o tema de educação sexual era abordado ou não nas suas aulas, de acordo com os PCNs, a forma como esses professores tratam o tema em suas aulas e a opinião dos mesmos sobre a importância de discutir esse tema com os alunos.

Observou-se que os professores compreendem a definição de sexo biológico e definem esse termo corretamente e de acordo com a literatura pesquisada.

Quando questionados sobre o gênero e sexualidade, muitos professores se confundiram ao tentar explicar os termos, ou responderam de forma bem direta “é o masculino e o feminino”. Porém, observou-se que uma pequena parte dos professores soube apresentar definições segundo a bibliografia consultada.

Todos os professores disseram que é importante a abordagem dos temas de educação sexual na escola, como também alguns citaram que sentem dificuldade em trazer o assunto pra suas aulas, como disse um dos professores de

Física. O mesmo comentou que seria interessante haver um curso sobre esses tópicos.

A maioria dos professores afirmou que não discute os temas transversais de orientação sexual em aula, pois “está ligado mais a biologia” ou não sabe como levar essas temáticas para as aulas de Física que envolvem números, fórmulas, cálculos, fenômenos etc.

Percebe-se que há necessidade de uma formação continuada dos educadores nos assuntos de educação sexual, uma vez que esse tema é de fundamental importância para o conhecimento tanto dos alunos como dos próprios professores. Além do mais, são temáticas que envolvem toda sociedade, com seus preconceitos, tabus, ignorância que persistem graças a falta de informação gerada ao longo da história. Esses assuntos abrangem não só as áreas de Ciências e podem ser levados a todas as matérias. Existe sim a possibilidade de ter os conteúdos em todas as disciplinas, pois quando se fala de gênero e sexualidade, fala-se de saúde, de vida, de seres humanos e das relações destes consigo mesmos, entre si e com o meio no qual os mesmos estão inseridos. A escola é a instituição que deve iniciar esse trabalho e o professor tem a obrigação de ser mediador e modelo de ensino e abordagem da educação sexual, pois o poder de informação está em nossas mãos, ou pelo menos é assim que os alunos e seus familiares acreditam que é, e, tomam como base para a construção de seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. À procura da história das mulheres. Cadernos da Condição Feminina, Lisboa, n. 29, 1989.
- BRAGA, E. R. M. “Palavrões” ou Palavras: um estudo com educadoras/es sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo. Doutorado. Tese de Doutorado. UNESP/Araraquara, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Ciências naturais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: LEÃO, A. M. C. *et al.* Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. Revista Linhas, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36-52, jan./jun. 2010.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GAVIDIA, V. A construção do conceito de transversalidade. In: ÁLVAREZ, M. N. *et al.* Valores e temas transversais no currículo. Tradução por Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 15-30.
- GIOVANI, L. M. Do professor informante ao professor parceiro: Reflexões sobre o papel da universidade para o desenvolvimento profissional de professores e as mudanças na escola. In: LEÃO, A. M. C. *et al.* Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. Revista Linhas, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36-52, jan./jun. 2010.
- GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação escolar. In: SIMILI, I.; COLETO, M. G. (Org). Corpo, gênero e sexualidade. Maringá: Eduem, 2011 (formação de professores – EAD). p. 04-13.
- JESUS, J. G. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012.

LEÃO, A. M. C. *et al.* Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36-52, jan./jun. 2010.

LIMA, J. D. O que é “ideologia de gênero”? *Gazeta do Povo*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-que-e-ideologia-de-genero-0zo80gqzpbxq0qrmwp03wppl1>> Acesso em 23 fev. 2016.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: LEÃO, A. M. C. *et al.* Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36-52, jan./jun. 2010.

MUSSKOPF, A. S. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram. *Gênero: da desigualdade à emancipação?*, n. 8, abr. 2008. Disponível em <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo> Acesso em: 25 jan. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010. *Adolescentes e jovens para a educação entre pares: saúde e prevenção nas escolas. Diversidades sexuais*. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, 2010.

NUNES, J. L. *Oficinas de capacitação: espaços para discussão sobre sexualidade e gênero*. Maringá: UEM, 2012.

NUNES, C.; SILVA, E. A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem de sexualidade para além da transversalidade. In: LEÃO, A. M. C. *et al.* Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36-52, jan./jun. 2010.

NUNES, C., SILVA, E. *A educação sexual da criança: polêmica do nosso tempo*. Campinas: Autores associados, 2000.

OLIVEIRA, D. L. Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: LEÃO, A. M. C. *et al.* Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. Revista Linhas, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36-52, jan./jun. 2010.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: LEÃO, A. M. C. *et al.* Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. Revista Linhas, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36-52, jan./jun. 2010.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. T. A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica. In: LEÃO, A. M. C. *et al.* Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. Revista Linhas, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36-52, jan./jun. 2010.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez/, 1990.

SILVA, J. M. Percepção sobre a abordagem de gênero no ensino médio inovador: um estudo exploratório da Escola Estadual Prof^a Lílissa de Paiva Leite. João Pessoa: UFPB, 2014.

SOUZA, I. A., SILVA, D. C. S., SILVA, C. M. S. Sexualidade em adolescentes – projeto de intervenção escolar. In: IV Colóquio internacional educação, cidadania e exclusão: didática e avaliação. Salvador. 2015.

THE UNIVERSITY OF WETERN AUSTRALIA. Sexuality and gender terms. Disponível em: <
<http://www.student.uwa.edu.au/life/health/fit/share/sexuality/definitions> > Acesso em: 25 jan. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Disponível em: <
<http://www.litoral.ufpr.br/portal/cursos/especializacao-em-genero-e-diversidade-na-escola/#>> Acesso em: 02 de fev. 2016.

WEREBE, M. J. G. Sexualidade, Política e Educação. Campinas: Autores Associados, 1998.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa GÊNERO E SEXUALIDADE: ABORDAGEM EM SALA DE AULA PELOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS, uma investigação para produção do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Licenciatura em Ciências Biológicas de ASSIS WENDELL CLAUDINO CAVALCANTE sob a orientação da profª Dra. Erika Freitas Mota, a qual pretende analisar a entrevista.

Sua participação é voluntária e se dará por meio das respostas realizadas nesta entrevista. Caso aceite, mas, depois o Sr (a) desista de sua participação, terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento durante a coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Os resultados das mesmas serão publicados sob forma de um TCC e artigos científicos.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o realizador da pesquisa pelo e-mail cavalcantewendell@gmail.com

Desde já, agradecemos sua atenção e estamos à disposição para maiores informações.

Atenciosamente.

Entendeu as informações e concorda em participar? SIM NÃO

APÊNDICE B – ENTREVISTA

Entrevista

1. Qual a diferença entre sexo biológico e diversidade sexual?
2. Qual o seu entendimento por gênero?
3. Você já ouviu falar sobre ideologia de gênero? Se sim, como você definiria?
4. O que é sexualidade? Como você lida com expressões de sexualidade em sala de aula?
5. Você acha importante abordar o tema “gênero e sexualidade” em sala de aula? Por quê?
6. Você já abordou sobre “gênero e sexualidade” em sala de aula? Como?
7. Como você leciona os temas transversais de educação sexual?